

La Comédiathèque



O Cheiro do Dinheiro

Jean-Pierre Martinez

comediathèque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

O Cheiro do Dinheiro

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Frederico, um pintor sem dinheiro, rejeita, por amor-próprio, o dinheiro sujo deixado por seu pai após o seu desaparecimento. Mas ao recusar com orgulho esta herança deixada por um pai que o abandonou quando tinha cinco anos, ele entra em conflito com sua parceira e sua irmã, menos escrupulosas sobre a origem dessa fortuna inesperada, ambas com boas razões para não a deixar escapar. Quem é realmente esse homem que lhes oferece dez milhões em troca de uma simples assinatura e qual é a origem exata desses fundos? Cada um tem a sua própria verdade...

Personagens

Frederico

Cristina

Carlos

Vitória

© La Comédiathèque

Cena 1

A modesta oficina de pintura de Frederico, que também funciona como sala de estar, no loft onde vive com sua parceira Cristina. Atrás de seu cavalete, Frederico trabalha em uma tela enquanto ouve música. Cristina chega do lado de fora, com um casaco e uma pasta na mão.

Cristina – Olá!

Frederico – Você já está aqui?

Cristina – Que bela recepção... Se estou o incomodando, posso voltar em uma hora.

Frederico – Desculpe... Eu não percebi que o tempo passou.

Frederico para a música, mas continua pintando.

Cristina – Você tem sorte... Para mim, este dia pareceu interminável... (*Ela tira o casaco, deixa a pasta, se aproxima dele e lhe dá um beijo nos lábios.*) Desculpe por interromper enquanto você trabalha... Espero que um dia você possa ter sua própria oficina.

Frederico – Esta me serve muito bem.

Cristina – Eu me refiro a uma oficina só sua, que não sirva ao mesmo tempo como sala de estar. Para não o incomodar quando eu voltar do trabalho.

Frederico – Você nunca me incomoda, você sabe disso.

Ela dá uma olhada na pintura.

Cristina – É uma nova tela?

Frederico – Sim...

Cristina – Outro rosto... Misterioso, indecifrável...

Frederico – Pode-se passar a vida inteira tentando desvendar o mistério de um rosto.

Cristina – E você ainda não tem um modelo...

Frederico – Quer que eu faça o seu retrato?

Cristina – Para me revelar, como você diz? Você ficaria desapontado. Não tenho nada a esconder...

Frederico – Todos têm algo a esconder. Para mim, você continuará sendo uma mulher muito misteriosa.

Cristina – O que o surpreende tanto em mim?

Frederico – O fato de ter escolhido viver comigo, em primeiro lugar.

Cristina – Isso se chama amor, não é?

Frederico – Então o amor é algo muito misterioso.

Cristina – É verdade... Aliás, me pergunto por que você escolheu viver comigo.

Frederico – Oh, isso é muito simples.

Cristina – Estou ouvindo.

Ele deixa os pincéis, se aproxima dela e a abraça.

Frederico – Porque você é funcionária do Ministério da Educação! Para um artista, é reconfortante saber que sua esposa tem um emprego estável.

Cristina (*divertida*) – Você é um patife...

Frederico – Sem você, nenhum banco teria nos dado um empréstimo de trinta anos para comprar esta antiga garagem que agora chamamos de loft.

Cristina – De qualquer forma, não o escolhi pelo seu romantismo...

Frederico – Você está enganada, sou um grande romântico. Obrigado a esconder minha sensibilidade atrás de um cinismo aparente.

Ele deixa os pincéis e a beija.

Cristina – Você está certo, continue pintando sem modelo. Não gostaria de voltar para casa e encontrar uma mulher nua deitada no meu sofá em uma pose lasciva...

Frederico – Você quer posar para mim? Nua... Em uma pose lasciva...

Cristina – Não teria paciência. E teríamos que aumentar o aquecimento...

Frederico – Não tenho certeza se podemos pagar isso... Bem, acho que vou parar por aqui.

Cristina – O distraí.

Frederico – Eu adoro quando você me distrai... Como foi o seu retorno às aulas?

Cristina – Pré-retorno... Hoje só estavam os professores. O grande dia é segunda-feira. Vamos soltar as feras...

Frederico – Proibiram animais nos circos. Também deveriam proibir crianças nas escolas.

Cristina – Mas então eu ficaria sem emprego. Já só comemos batatas.

Frederico – Eu amo batatas. Na verdade, eu amo comê-las com você.

Cristina – Vamos dar conta. No final, eles vão perceber o seu talento.

Frederico – Não vendi um quadro em semanas.

Cristina – Com o seu site, pelo menos atraiu alguns visitantes.

Frederico – Sim. Eles vêm, olham, conversam... A qualquer hora. Ofereço café, mas raramente pegam a carteira no final.

Cristina – Sua exposição foi um sucesso.

Frederico – Uma exposição em um restaurante... Até que eu esteja em uma galeria digna desse nome. Preferencialmente em Lisboa...

Cristina – Mas você se recusa a contatar as galerias de Lisboa!

Frederico – Para que serve? Ninguém me conhece. E elas já estão tão ocupadas...

Cristina – E o seu misterioso colecionador russo? Aquele que comprava um quadro seu todos os meses para enviar a Londres...

Frederico – Não tenho notícias dele... Talvez esteja morto...

Cristina – Vamos... Haverá outros...

Frederico – Claro... Eu cuidei do jantar.

Cristina – Ótimo! O que vamos comer?

Frederico – Batatas.

Cristina – Ótimo... Batatas fritas? Purê?

Frederico – É uma receita francesa: "pommes de terre en robe des champs". Acho que significa... batatas em batas.

Cristina – Vou colocar a minha e já estou com você. Para uma noite romântica...

Frederico – Não se importa se eu ficar assim? A bata não me cai bem.

Cristina – Vou aproveitar para tomar banho.

Ela sai. Ele olha para o quadro com expressão insatisfeita. Campainha. Ele vai atender e volta acompanhado de Carlos.

Frederico – Por favor, entre... Este é o meu atelier...

Carlos – Obrigado por me receber sem aviso prévio.

Frederico – Estou acostumado... Mas é melhor ligar antes. Eu poderia não estar aqui...

Carlos – Eu teria voltado... (*Olha para a tela*) Este retrato é muito... perturbador. Mas é magnífico. É o rosto de um homem ou de uma mulher?

Frederico – Isso... Isso faz parte do mistério...

Carlos – A verdade nunca se revela no primeiro olhar, nua em toda a sua plenitude...

Frederico – Caso contrário, é melhor tirar uma foto.

Carlos – O mistério é o que dá todo o encanto à Mona Lisa, não é?

Frederico – Pelo menos para a Mona Lisa, sabemos que é uma mulher... Mas você está certo. Pinto para acessar uma certa forma de verdade. Representando a realidade de uma maneira diferente do que aparece à primeira vista. Estava justamente conversando sobre isso com minha esposa...

Carlos – Então, você é casado...

Intrigado pela reviravolta pessoal da conversa, Frederico simplesmente sorri.

Frederico – Descobriu meus quadros no meu site?

Carlos – Não...

Frederico – Você é um galerista? Um colecionador? Ou apenas um amante da pintura?

Carlos – Eu gosto de pintura, é verdade... mas não sou nada disso. Para dizer a verdade... eu não vim comprar um quadro.

Frederico – Agora que você está aqui, sempre pode dar uma olhada, não se compromete com nada.

Carlos – O que tenho para dizer não tem nada a ver com pintura, infelizmente...

Frederico – Estou ouvindo...

Carlos – Vim trazer uma má notícia.

Frederico – Já imaginava... Mas vá em frente, por favor.

Carlos – Talvez você já saiba...

Frederico – Não, não... Digamos que... não estou acostumado a estranhos aparecerem à minha porta sem aviso prévio para me dar boas notícias.

Carlos – Por trás de más notícias, muitas vezes há um lado positivo.

Frederico – Estou começando a ficar um pouco preocupado... Você não é Testemunha de Jeová, certo?

Carlos – Não, acalme-se.

Frederico – Então, quem é você? E o que é tão urgente para me dizer?

Carlos – Eu sou... Bem, eu era o advogado do seu pai.

Frederico – Meu pai?

Carlos – Charlie. Charlie Da Costa. Você é o filho dele, certo?

Frederico – Sim... Aparentemente.

Carlos – Bem... Seu pai nos deixou.

Frederico – Lamento por você. Mas, você sabe, ele também me deixou há anos, assim como minha mãe e minha irmã.

Carlos – Queria dizer que... o senhor Da Costa faleceu.

Frederico – Sim. Entendi.

Carlos – Eu sei que você não tinha mais contato com seu pai há muito tempo, e entendo que esta visita o tenha pego de surpresa. Eu poderia ter enviado uma carta, é claro. Mas queria avisar pessoalmente.

Frederico – Quando meu pai deixou Portugal, eu tinha cinco anos. Minha mãe faleceu há alguns anos. Eu não tinha notícias dele há muito tempo. Claro, ele também não veio ao funeral dela. Você entende que o anúncio de sua morte não me afete muito.

Carlos – Eu entendo.

Frederico – De acordo com o que minha mãe nos contou, ele foi para os Estados Unidos com a esperança de fazer fortuna lá, abrindo um restaurante... Isso é tudo o que eu sei...

Carlos – Ele faleceu no México. Foi onde ele estava estabelecido há anos.

Frederico – Você é mexicano?

Carlos – É um pouco mais complicado que isso.

Frederico – O contrário teria me surpreendido. E o que ele estava fazendo no México?

Carlos – Ele tinha... restaurantes, na verdade. Bem, eram mais bares...

Frederico – Nossa mãe nos disse que os negócios dele nos Estados Unidos não foram tão bem-sucedidos quanto ele esperava.

Carlos – Por isso ele foi para o México.

Frederico – E meu pai escolheu um advogado para me anunciar sua morte? Você quer me processar?

Carlos – Entendo sua amargura, acredite.

Frederico – Duvido.

Carlos – Mas além do aspecto emocional, há também um aspecto legal... e financeiro. É aí que chegamos à parte positiva...

Frederico – O que você quer dizer?

Carlos – Você era o filho dele. Você é o herdeiro.

Frederico – O herdeiro?

Carlos – Juntamente com sua irmã, é claro.

Frederico – Você foi ver a Vitória?

Carlos – Sim.

Frederico – Mas o que ele deixou exatamente? Bares, certo? Eu gosto da Corona, é verdade, mas não me vejo como dono de um bar no México. E não tenho certeza se minha esposa quer lidar com o caixa.

Carlos – Seu pai tinha bares, é verdade. Mas nos últimos anos de sua vida, ele se desvinculou dessa atividade e transferiu grande parte de sua fortuna para a Europa.

Frederico – Você disse... fortuna dele?

Carlos – Sim... Bem, ele não era um bilionário.

Frederico – Mas estamos falando de quanto exatamente?

Carlos – Não posso lhe dizer com precisão neste momento, mas você saberá em breve. Em primeiro lugar, eu queria informá-lo sobre a morte de seu pai.

Frederico – Você é realmente um advogado?

Carlos – Principalmente, eu era o homem de confiança dele... e seu amigo.

Frederico – Seu amigo?

Carlos – Digamos que... eu o ajudei mais de uma vez a sair de situações um tanto delicadas.

Frederico – E quando você diz "situações delicadas", isso inclui a prisão também?

Carlos – Você não enriquece sem correr alguns riscos. Especialmente no México. Isso significa tomar algumas liberdades com a lei de vez em quando...

Frederico – Não tenho certeza se quero saber mais.

Carlos – Talvez seja melhor assim.

Frederico – E ainda posso recusar a herança.

Carlos – Deixo você refletir sobre tudo isso, mas seria uma pena.

Frederico – Já refleti. O dinheiro não me interessa. E muito menos o dinheiro do meu pai.

Carlos – Tire o seu tempo para fazer o seu luto. E fale sobre isso com sua esposa. As mulheres muitas vezes dão bons conselhos. Especialmente quando se trata de dinheiro...

Frederico – Meu luto já está feito há muito tempo. E suponho que o funeral já tenha ocorrido, certo?

Carlos – Não houve funeral. O corpo dele não foi encontrado.

Frederico – Como assim o corpo dele não foi encontrado? Como ele morreu?

Carlos – Ele estava em um avião. Um avião pequeno que caiu no mar perto de Veracruz. Apenas os destroços do avião foram encontrados...

Frederico – Definitivamente, meu pai sempre foi alguém muito... esquivo até o final.

Cristina volta de roupão.

Cristina – Desculpem recebê-los assim, eu não sabia que tínhamos visitas...

Carlos – Sou eu quem peço desculpas, querida senhora... Na verdade, estava indo embora...

Cristina – Não sou eu quem está te expulsando, espero. Posso tirar este roupão, você sabe. (*Carlos lhe lança um olhar surpreso.*) Bem, quero dizer... para colocar algo mais apropriado no lugar.

Carlos – É tarde. Nos veremos em breve para discutir tudo isso. Com a mente mais clara. Senhora, meus respeitos.

Frederico – Eu nem tenho seus dados de contato...

Cristina faz um gesto de despedida para ele.

Carlos – Serei eu quem entrará em contato com vocês. Não se preocupem, eu sei o caminho.

Ele sai.

Cristina – Quem era aquele cara?

Frederico – Um amigo do meu pai.

Cristina – Seu pai? Você me disse que mal o conhecia. Eu pensei que ele estava morto...

Frederico – Sim, eu também...

Cristina – E o que ele queria?

Frederico – Anunciar a morte do meu pai.

Cristina – Sinto muito.

Frederico – Pelo menos agora é oficial...

Cristina – Você está bem?

Frederico – Da última vez que o vi, ainda era criança.

Cristina – Mas você se lembra dele, certo?

Frederico – Já não sei muito bem o que lembro... e o que inventei. Tudo se mistura um pouco na minha cabeça...

Cristina – E então, você guardava rancor dele...? Bem... costumava guardar rancor...

Frederico – Guardei rancor, é claro. No começo. Depois culpei a mim mesmo...

Cristina – Por quê?

Frederico – Eu me perguntava se não era minha culpa ele ter ido embora.

Cristina – É absurdo... mas eu entendo isso. Você deveria ter perguntado para sua mãe...

Frederico – Sim... Mas não é fácil abordar esse tipo de assunto com sua mãe.

Cristina – Claro...

Frederico – E então, depois de um tempo... eu aceitei. Quase consegui esquecê-lo. Se o tivesse visto na rua, provavelmente não o teria reconhecido.

Cristina – E esta noite, um desconhecido aparece na porta para anunciar a sua partida...

Frederico – Ainda me parece estranho saber que ele realmente está morto.

Cristina – Não sei o que dizer...

Frederico – Não disse que isso me entristecesse especialmente. Ele nos abandonou há anos e nunca mais tivemos notícias dele.

Cristina – Então, por que ele se deu ao trabalho de lhe informar sobre a sua morte?

Frederico – Parece que é para resolver a sucessão.

Cristina – Ah, sim, é verdade... Também tem isso... E um amigo cuidou de resolver a sucessão dele?

Frederico – Esse cara também era o advogado dele...

Cristina – Ele realmente não parece um advogado.

Frederico – Sim, foi o que eu pensei quando o vi.

Cristina – Qual é o nome dele?

Frederico – Nem mesmo pensei em perguntar. Estava tão surpreso. Ele é mexicano.

Cristina – Mexicano?

Frederico – Sim, eu sei, ele também não tem aparência de mexicano...

Cristina – Ao mesmo tempo, nunca estivemos lá. Suponho que nem todos os mexicanos têm a pele morena e não todos usam chapéus e coldres atravessados no peito, no estilo de Pancho Villa...

Frederico – Certamente não os advogados, pelo menos... Pelo que ele me disse, meu pai tinha bares suspeitos no México.

Cristina – Ele te disse assim, simplesmente? Bares suspeitos?

Frederico – Foi o que eu entendi. De qualquer forma, vou recusar a herança.

Cristina – Bem... Você está certo?

Frederico – Certo de quê?

Cristina – Que você quer recusar a herança.

Frederico – Não quero complicações. E, acima de tudo, não quero esse dinheiro.

Cristina – Muito dinheiro?

Frederico – Eu não sei... Ele não me disse.

Cristina – E você não perguntou?

Frederico – Ele acabara de me informar sobre a morte do meu pai...

Cristina – Desculpe, mas como você me disse que não se importava muito... É estúpido da minha parte. Ninguém fica tão indiferente assim à morte do próprio pai.

Frederico – Quanto à herança, ele não me disse quanto. Mas pelo que sei do meu pai, provavelmente haverá mais problemas do que dinheiro a esperar.

Cristina – Pense bem. Recusar a herança do seu pai não é apenas uma questão de dinheiro. Também há uma dimensão simbólica...

Frederico – Ah, é? Gostaria de discutir isso com o meu analista, mas não tenho os meios para pagar por ele.

Cristina – Exatamente... Dinheiro, não temos muito.

Frederico – Enquanto tivermos o suficiente para comprar batatas...

Cristina – Você decide... É o seu pai...

Frederico – Exato... É o meu pai...

Cristina – E a sua irmã?

Frederico – Ela também foi visitada por ele.

Cristina – Então logo teremos notícias dela.

Frederico – Provavelmente não esta noite. Ela deve estar bastante abalada com tudo isso...

Cristina – Você não quer ligar para ela?

Frederico – Para dizer o quê?

Cristina – Eu não sei... Bem... Então, à mesa.

O telefone toca.

Frederico – E eu que pensava que teria uma noite tranquila...

Cristina vai atender. Volta com Vitória, a irmã de Frederico.

Vitória – Então, você o viu?

Cristina – Ele acabou de sair. Você poderia tê-lo encontrado...

Vitória (*muito emocionada*) – Esta história é incrível! Sinto como se tivesse visto o Papai Noel e estou me beliscando para ter certeza de que não estou sonhando.

Frederico – Olá, Vitória. Suponho que, em vez do Papai Noel, você esteja se referindo ao advogado mexicano que acabou de nos anunciar a morte de nosso pai.

Vitória – Você não está brincando, certo?

Frederico – Não, não, fique tranquila. Não é uma brincadeira. Papai realmente morreu...

Vitória (*se recuperando um pouco*) – É verdade... Era nosso pai, afinal...

Cristina – Quer beber alguma coisa? Um café?

Vitória – Obrigada, já estou bastante nervosa...

Cristina – Um chá, então?

Vitória – Bem, afinal, todo mundo achava que ele estava morto há muito tempo. Em resumo, é apenas uma confirmação.

Cristina – Nem um chá, está bem...

Vitória – Parece que nem mesmo houve um enterro. É incrível...

Frederico – Por quê? Você teria ido?

Vitória – E você?

Frederico – Eu não sei. O México é longe...

Vitória – Bem... Ele está morto, ele está morto... Mas ele falou sobre a herança?

Frederico – Sabe, eu... O dinheiro...

Vitória – Sim, bem... Mesmo que não nos interessemos pelo dinheiro... São 10 milhões de euros, afinal...

Cristina – Desculpe?

Vitória – Ele não lhe disse?

Frederico – Ele não foi tão preciso. E eu não pedi detalhes...

Vitória – Isso seria cerca de cinco milhões para cada um.

Frederico – Não se anime muito rápido... Tenho medo que não seja tão simples...

Vitória – Mesmo que haja alguns procedimentos e tenhamos que esperar um pouco para receber os fundos...

Frederico – Eu não estava me referindo a isso...

Vitória – A que você se refere então?

Frederico – Ele mencionou negócios mais ou menos ilegais. No México. E acredite em mim, para uma atividade ser considerada ilegal no México, não estamos falando apenas de evasão fiscal.

Vitória – Ele me assegurou que todo esse dinheiro era perfeitamente legal. Que ele tinha reinvestido em propriedades em Paris...

Frederico – Ainda é dinheiro sujo. Isso não te incomoda?

Vitória – Dinheiro é dinheiro. E dinheiro não tem cheiro.

Frederico – Ah, entendi... Se começarmos a invocar a sabedoria popular, então...

Vitória – Você não concorda, Cristina?

Cristina – É o vosso pai... Vocês é que decidem o que fazer com esse dinheiro...

Vitória – O dinheiro... Vai e vem. Desde que seja dinheiro limpo agora...

Frederico – Isso chama-se lavagem de dinheiro...

Vitória – Dinheiro circula! Quem lhe diz que, em algum momento, o dinheiro que tens no bolso não foi usado para comprar drogas?

Frederico – Tens razão... A natureza do dinheiro é ser suja. Até acredito que o Freud dizia que era merda. Por isso, evito tê-lo no meu bolso.

Vitória – Verdade, esqueci... O senhor é um artista... Dinheiro... O senhor está acima disso tudo...

Frederico – Nem todo mundo pode viver da especulação imobiliária como o seu querido marido...

Vitória – Porque a arte também não é um mercado, é? Bem, pelo menos para os artistas que conseguem vender suas pinturas...

Cristina – Talvez devermos nos acalmar um pouco, não é?

Vitória – Pois bem, eu não recusaria cinco milhões. De onde quer que venham... É o nosso pai, afinal de contas. Não podemos dizer que ele se preocupou muito conosco. Merecemos uma pequena compensação...

Frederico – Nosso pai? Não sabemos nada da sua vida. Muito menos dos seus negócios. E quanto ao seu suposto advogado mexicano...

Vitória – Ele não está vindo pedir dinheiro, ele está vindo nos dar dinheiro!

Frederico – Lembro-lhe que quando aceita uma herança, assume os ativos e passivos. No caso dele, não tenho certeza se os ativos compensam os passivos. Em todos os sentidos...

Cristina – Sempre podem aceitar com benefício de inventário...

Vitória – Tem razão... Nada nos impede de procurar o conselho de um notário.

Frederico – Realmente acreditas que um simples notário poderá nos dizer se devemos ou não aceitar a herança de um mafioso mexicano?

Cristina – Um mafioso... Não achas que estás exagerando um pouco...?

Frederico – E o seu marido, o que pensa sobre isso?

Vitória – Marco? Ainda não falei com ele... Esperava ter certeza.

Frederico – Certeza sobre o valor da herança?

Vitória – Certeza de que não estou sonhando!

Frederico – Bem, obrigado pela sua visita, Vitória. É verdade que não nos honras com a sua presença com frequência...

Vitória – Poderia dizer o mesmo. Quanto tempo faz desde que viu os seus sobrinhos?

Cristina (*para aliviar a atmosfera*) – Não quer ficar para o jantar connosco?

Frederico – Fizemos batatas... Com certeza não as comes frequentemente... Vais ver, estão muito boas... quando bem preparadas.

Vitória (*para Cristina*) – É gentil da sua parte, obrigada, mas acho que não poderia comer nada. Além disso, tenho que ir embora. Marco vai ficar se perguntando onde estive. E as crianças também. Falaremos sobre tudo isso amanhã, está bem?

Frederico – Tudo bem... Boa noite... E que tenha sonhos doces...

Vitória – É incrível esta história... Dez milhões...

Vitória sai.

Cristina (*irônica*) – Tinha razão, parece completamente chocada com a morte do pai...

Frederico – Eu não entendo... Ela nem precisa de dinheiro... O marido dela ganha mais em um mês do que nós dois em dois anos.

Cristina – O marido dela, sim...

Frederico – Ela nem precisa trabalhar!

Cristina – Precisamente... Talvez ela queira ter o seu próprio dinheiro. Para depender menos do marido.

Frederico – Se eu tivesse cinco milhões, nem saberia o que fazer com eles.

Cristina – Cinco milhões, eu também não. Mas se tivesse cinco mil euros, com certeza saberia. E quanto ao resto, teríamos tempo para pensar... Tenho certeza de que teríamos ideias...

Frederico – Sim, como quais?

Cristina – Não sei... Pagar o empréstimo deste apartamento, para começar. Para evitar que metade do meu salário seja confiscado pelo banco todos os meses... E que sobre algo para untar nas batatas...

Frederico – Cuidado, a manteiga engorda.

Cristina – Perdi três quilos em um ano e você nem percebeu. Tome o tempo para refletir, Frederico. Cinco milhões mudariam as nossas vidas.

Frederico – Para melhor, tem certeza? (*Irônico*) Para citar grandes provérbios, como minha irmã, lembro que, segundo a sabedoria popular, "dinheiro não traz felicidade"...

Cristina – O que o incomoda exatamente na ideia de ter alguns milhões? Se está a tentar vender as tuas pinturas, é precisamente para ter dinheiro.

Frederico – Dinheiro que eu teria ganhado por mim mesmo, sim. Mas não me vejo a viver com o dinheiro desse homem que sempre odiei. Tenho o direito, não tenho? Além disso, não precisamos realmente de dinheiro.

Cristina – Fala por ti...

Frederico – Desculpa?

Cristina – Você não precisa de dinheiro, sou eu quem paga as contas!

Frederico – Está bem... Estamos a chegar lá...

Cristina – Se você tiver uma boa razão para recusar esse dinheiro, diz-me, Frederico. Se for algo grave, eu vou entender.

Frederico – Não sou uma criança maltratada, se é isso que estás a insinuar... E também não sofri abuso sexual... O meu pai abandonou-nos. Não quero nada que venha dele, é isso. Não somos felizes os dois?

Cristina – Sim...

Frederico – Esse dinheiro não nos trará nada de bom, acredita em mim. Nada que venha do meu pai poderá trazer-nos algo de bom.

Cristina – Compreendo que tudo isto não seja fácil para você. Mas hoje peço-lhe que pense um pouco em mim.

Frederico – Em você?

Cristina – Você realizou o seu sonho, Frederico. É pintor.

Frederico – Sim... Graças a você, eu sei...

Cristina – Se eu já não tivesse de trabalhar...

Frederico – Pensei que gostasse do teu trabalho como professora. Que te sentisse útil...

Cristina – Amei-o... Mas cada vez me sinto menos útil. Ensinar na periferia, sabe, tornou-se muito difícil. Não digo que não sirva para nada, mas poderia muito bem passar o testemunho a alguém. Para finalmente fazer o que quero fazer. Pelo menos tentar...

Frederico – Como o quê?

Cristina – Acha que sou incapaz de ter desejos pessoais, não é?

Frederico – Mas de maneira nenhuma! Só lhe pergunto o que faria se já não tivesse de trabalhar.

Cristina – Não sei... Talvez começasse a escrever...

Frederico – Não sabia que queria escrever... Nunca me mencionou isso...

Cristina – Porque até agora, sabe o quê? Dois artistas na nossa relação, isso já era pelo menos um a mais...

Silêncio.

Frederico – Está bem, prometo pensar nisso...

Cristina – Obrigada...

Frederico – Mas não lhe prometo que mude de ideia...

Corta.

Cena 2

Frederico está a pintar, mas desta vez sem música. O telefone toca. A contragosto, ele atende.

Frederico – Sim... Crédito Solidário? Ah, sim, claro... Sim, sim, temos uma conta com vocês... E um crédito a trinta anos, de fato... Não entendo... Deve ser um erro... Eu sei, Crédito Solidário nunca erra... Não, não, claro... Certo, vou falar com minha esposa, ela é quem se encarrega de... E ela vai ligar de volta, certo?... Obrigado... Feliz Natal para vocês também...

Ele suspira, visivelmente preocupado, e volta a pintar. Campainha. Ele vai abrir, claramente irritado, e volta com Carlos, uma maleta numa mão e um saco de papel na outra.

Frederico – Parece que não podemos nos separar...

Carlos – Comprei pastéis de chocolate na padaria de baixo. Pareciam tão deliciosos. Não consegui resistir. (*Entrega o pacote a ele*) Quer?

Frederico – Você realmente acha que pode me comprar com pastéis de chocolate?

Carlos – Não estou aqui para comprar você, Frederico. Estou oferecendo cinco milhões, e não há contrapartida.

Frederico pega o saco de papel e o coloca sobre a mesa ao lado de uma cafeteira.

Frederico – Suponho que agora devo oferecer um café em troca, não é?

Carlos – Em troca dos cinco milhões? Sabia que Lisboa era uma cidade cara, mas... seria o café mais caro que já tomei na vida.

Frederico – Bem, você quer um café, sim ou não?

Carlos – Bem, não seria ruim. Está gentilmente oferecido...

Frederico serve-lhe um café. Eles se sentam, cada um pega um croissant de chocolate e come.

Frederico – Obrigado pelos pastéis de chocolate...

Carlos – Há anos que não comia um...

Frederico – Eles não fazem pastéis de chocolate no México?

Carlos – Me traz muitas lembranças...

Frederico – Então você já viveu em Portugal... E além disso, fala português sem o menor sotaque. Por que foi para o México também?

Carlos – Vou lhe contar minha vida em outro momento... Por enquanto, trata-se do seu pai.

Frederico – Estou ouvindo...

Carlos – Preciso saber a sua decisão. Sua irmã, como você sabe, decidiu aceitar a herança.

Frederico – E se eu recusar?

Carlos – Tudo será dela.

Frederico – E a ela não importa de onde vem o dinheiro?

Carlos – Eu lhe forneci todas as garantias necessárias. Assim como ao seu notário. Tudo está perfeitamente em ordem com o fisco português.

Frederico – Se você diz... Mas esse não é o sentido da minha pergunta. Que o dinheiro seja legal hoje em dia é uma coisa. Mas de onde vem? Eu preciso saber...

Carlos – Sua irmã não tem tantos escrúpulos quanto você.

Frederico – Prefiro levar isso como um elogio...

Carlos – E seu cunhado também não tem...

Frederico – Ele é promotor imobiliário... E você sabe que um promotor imobiliário não necessariamente é um modelo de moralidade. De onde vem esse dinheiro?

Carlos – Eu lhe disse, seu pai tinha bares.

Frederico – Não zombe de mim. Não se ganha dez milhões em vinte anos vendendo tequila a mexicanos.

Carlos – Serei franco com você... Os bares que seu pai tinha também empregavam... strippers.

Frederico – Strippers? Uau... Então meu pai tinha bordeis e eu sou filho de um cafetão.

Carlos – É uma maneira de ver.

Frederico – Não é a sua maneira de ver?

Carlos – É um pouco como a pintura, sabe? As coisas sempre parecem muito simples quando as vemos de longe. Quando estamos mais perto, percebemos que são mais complexas.

Frederico – Obrigado por essa pequena lição de perspectiva... Mas você me disse que meu pai teve problemas com a justiça. Suponho que no México não se incomoda as pessoas por um simples caso de cafetinagem. É possível que meu pai tenha estado vendendo algo mais do que mulheres e álcool nos seus bordeis?

Carlos – Na verdade, ele fornecia substâncias menos legais a alguns clientes...

Frederico – Então ele também era traficante de drogas.

Carlos – Eu diria mais varejista. Fui honesto com você. Mas é melhor que não saiba mais.

Frederico – Ah, porque há mais alguma coisa?

Carlos – Seu pai não era o vilão que você pensa.

Frederico – Você está me dizendo que ele era um cafetão e traficante. Por pura curiosidade, você poderia me dizer qual é a sua definição de vilão?

Carlos – Esses bordéis já existiam antes de Charlie assumir o controle. A prostituição é a profissão mais antiga do mundo. E o tráfico de drogas também não esperou pelo seu pai para prosperar no México. Ele não inventou nada, sabe...

Frederico – Repito minha pergunta: há algo mais que eu deva saber?

Carlos – É verdade que seu pai teve problemas com a justiça. Ele esteve na prisão. E estava prestes a voltar quando morreu no acidente de avião.

Frederico – Por quê?

Carlos – Ele foi acusado de assassinato. Dado o seu histórico, estava enfrentando prisão perpétua...

Frederico – Um erro judiciário, suponho.

Carlos – Seu pai não matou ninguém a sangue-frio, eu lhe prometo.

Frederico – Isso me tranquiliza, de fato. Então, ele tinha um temperamento forte?

Carlos – A única coisa que você precisa saber é que Charlie se desligou de todos os seus negócios no México e reinvestiu seu capital em apartamentos de luxo em Paris e Londres. Todos os seus negócios são completamente legais agora. Eu cuidei disso.

Frederico – Mas ainda é dinheiro sujo.

Carlos – Limpo e sujo, você sabe... Não devemos julgar as pessoas muito rapidamente. Especialmente os pais. Achamos que os conhecemos melhor do que ninguém, mas no final (*ele se aproxima da tela e aponta para a pintura*) conhecemos apenas o rosto que eles nos mostram. A parte visível de seu iceberg interior...

Frederico – Não sei nada sobre meu pai... Nem mesmo me lembro de seu rosto...

Carlos – Mais uma razão para não condená-lo por aparências.

Frederico – Meu único luxo é poder me olhar no espelho de manhã sem sentir vergonha... Não quero desistir disso por cinco milhões de euros.

Carlos – Ninguém pode obrigá-lo a aceitar esta herança. Mas acredito que seria um erro de sua parte recusá-la. Um erro que provavelmente lamentará mais cedo ou mais tarde...

Frederico – Isso é uma ameaça?

Carlos – É um conselho de um amigo. Se você recusar a sua parte, tudo irá para a sua irmã. Isso é tudo.

Frederico – E você contou tudo isso a ela?

Carlos – Ela deixou claro que preferia não saber.

Frederico – Entendi...

Carlos se levanta para sair.

Carlos – Vou deixar você pensar até amanhã. Depois, tenho que ir embora...

Frederico – Como quiser, mas depois do que você disse, realmente acha que vou mudar de ideia?

Carlos admira novamente a pintura.

Carlos – É realmente bonito o que você está pintando...

Frederico – Obrigado...

Carlos – E esse rosto me lembra vagamente alguém que conheci...

Frederico – Ah sim...?

Carlos – Você tem muito talento. Um artista como você só deve se preocupar com a sua arte. Acredito que é isso que o seu pai teria desejado.

Frederico – Ele mesmo disse isso a você?

Carlos – Obrigado pelo café.

Carlos sai. Frederico fica perplexo. Cristina chega.

Frederico – Então, como foi o retorno às aulas?

Cristina – A rotina... Quarenta alunos por turma... dos quais temos que aprender os nomes... que nem todos são fáceis de pronunciar. Alguns rostos novos entre os professores... Jovens recém-formados que precisamos garantir que não desanimem, enquanto nós mesmos temos dificuldade em continuar acreditando.

Frederico – Você não tem um trabalho fácil, eu sei... Mas se nem mesmo você acredita...

Cristina – Eu acredito, Frederico... O dia em que eu realmente não acreditar mais, não conseguirei continuar.

Frederico – Tenho medo de que um dia você pare de acreditar em mim...

Cristina – Isso nunca vai acontecer, fique tranquilo.

Frederico – No final, eu sou como todas essas crianças com nomes impronunciáveis. Eu também preciso que alguém acredite em mim. Sem você, já teria desistido...

Breve abraço.

Cristina – E o seu dia?

Frederico – Nada de especial...

Cristina – Bem...

Frederico – Ah, sim... O Crédito Solidário ligou.

Cristina – Eu sei... Eles me ligaram no meu celular...

Frederico – Tem algum problema?

Cristina – Não conseguiram cobrar a parcela do empréstimo este mês. Estamos com saldo negativo...

Frederico – E mal estamos na metade do mês...

Cristina – Sim... 20 de dezembro... Mas como você obstinadamente se recusa a acreditar no Papai Noel...

Frederico – Se ao menos eu pudesse vender um quadro. Apenas um...

Cristina – Vou retomar algumas aulas particulares.

Frederico – Eu também poderia dar algumas.

Cristina – Aulas de pintura?

Frederico – Sim, claro, não aulas de matemática...

Cristina – E você realmente acha que encontraria alunos?

Frederico – Posso colocar anúncios na padaria.

Cristina – Sim... Mas teria menos tempo para pintar...

Frederico – Vou dar um jeito.

Um momento de silêncio.

Cristina – Cruzei com o advogado quando cheguei.

Frederico – Ah, sim...

Cristina – E...?

Frederico – Nada. Ele trouxe pastéis de chocolate. Tem sobrando, quer? São muito bons...

Cristina – Você não acha que isso poderia resolver todos os nossos problemas?

Frederico – Tive uma conversa com ele. Ele me contou como meu pai fez fortuna.

Cristina – Como?

Frederico – Seu dinheiro veio das drogas e prostituição. Meu pai foi para a prisão, e se não tivesse morrido naquele acidente de avião, teria recebido prisão perpétua. Por assassinato...

Cristina – Entendo...

Frederico – Sinto que há um "mas"...

Cristina – Mas no final das contas, o que está feito, está feito. Imagine que você ganhou na loteria! Se você tivesse ganhado na loteria, aceitaria o dinheiro?

Frederico – Claro.

Cristina – E então?

Frederico – O dinheiro da loteria não vem das drogas e prostituição.

Cristina – Para a maioria dos azarados deste país, a loteria é uma droga. O dinheiro da loteria vem de todos os assalariados que deixam uma parte de seus salários todos os meses na loteria na esperança de enriquecer. E eles ficam cada dia mais empobrecidos, pegando esse dinheiro para jogar em vez de encher a despensa ou pagar a cantina escolar! Você acha que isso é melhor? Esse dinheiro sujo é o que alguns sortudos ganhadores levam toda semana. Em que mundo você vive, Frederico?

Frederico – Parece que você sabe muito sobre a loteria. No entanto, você não joga...

Cristina – Como você sabe?

Frederico – Você joga na loteria às vezes?

Cristina – Às vezes.

Frederico – Você nunca me disse.

Cristina – Bem, você vê, no final das contas, eu também tenho minha parcela de mistério.

Frederico – Me desculpe.

Cristina – Desculpar por quê?

Frederico – Minha esposa tem que jogar na loteria para pagar o financiamento do apartamento.

Cristina – Apostei em você, Frederico.

Frederico – E perdeu.

Cristina – Não, ganhou. Eu sei que você tem talento.

Frederico – Ainda precisa convencer os outros.

Cristina – Conseguiremos. Mas para isso, você precisa continuar pintando. Não desperdiçar seu tempo dando aulas de desenho para adolescentes ou aposentados.

Frederico – Não posso fazer isso.

Cristina – O quê?

Frederico – Aceitar esse dinheiro.

Cristina – Para onde esse dinheiro irá se você não aceitá-lo?

Frederico – Para minha irmã... Mas ela não o aceitará.

Cristina – Você acha isso?

Frederico – Quando ela descobrir de onde realmente vem esse dinheiro, ela rejeitará a herança. Assim como eu.

Cristina – Quer apostar?

Frederico – O que você me oferece se eu perder essa aposta?

Cristina – Não sei... Cinco milhões?

Corta.

Cena 3

O mesmo cenário. Frederico está com Vitória, mais emocionada do que nunca.

Vitória – É incrível, essa história! Papai, dono de bordéis na América do Sul. Parece saído de um filme...

Frederico – Sim... Um filme negro...

Vitória – É incrível, essa história...

Frederico – Cuidado, Vitória, você repete isso a cada duas frases.

Vitória – O quê?

Frederico (*imitando-a*) – É incrível, essa história!

Vitória – Ah, você também acha. Foi exatamente o que eu disse...

Frederico – Sim...

Vitória – Você reconhecerá que não é algo comum o que está acontecendo conosco.

Frederico – Não parece a afetar muito saber que seu pai era proxeneta e traficante de drogas.

Vitória – Mamãe sempre o apresentou como um fracassado. Pelo menos, ele teve sucesso.

Frederico – Desculpe? Sucesso em quê?

Vitória – Em acumular uma fortuna! Sinto como se tivesse ganhado na loteria!

Frederico – Não se junte também à história da loteria...

Vitória – Parece muito, não é? Esse dinheiro que cai do céu de repente.

Frederico – Estamos falando da morte de nosso pai, certo?

Vitória – Sim, bem, não o vemos há anos. E você mal o conheceu. Não vamos chorar, certo?

Frederico – Você não vai me dizer que vai aceitar essa herança?

Vitória – Você está brincando? Por que não aceitaria?

Frederico – É dinheiro das drogas! Da prostituição! Do crime!

Vitória – Carlos nos disse que, quanto ao crime, foi um erro...

Frederico – Ainda assim, é dinheiro sujo!

Vitória – Era, talvez. Agora é dinheiro limpo. Mas faça o que quiser...

Frederico – Não entendo. Você não precisa de dinheiro, certo?

Vitória – Como você sabe?

Frederico – Você vive em uma grande casa burguesa, tem dois carros, um apartamento na neve, uma villa à beira-mar...

Vitória – Isso é o dinheiro de Marco.

Frederico – Vocês não estão casados?

Vitória – Nunca se tem dinheiro suficiente. Nem todo mundo é feito para a vida boêmia como você. E o que Cristina acha disso?

Frederico – Deixe Cristina fora disso... E o que Marco diz?

Vitória – Para ele, o dinheiro, você sabe... Não importa de onde vem. Contanto que tudo esteja em ordem...

Frederico – Então você vai aceitar essa herança...

Vitória – E como! Sem hesitar...

Frederico – Se você fizer isso, nunca mais nos veremos.

Vitória – Quase não nos víamos de qualquer maneira... Faça o que quiser...

Frederico – Muito bem, então vá embora daqui... E acerte suas contas com sua consciência...

Vitória – Se você não fosse tão cego por seu orgulho, Frederico, perceberia que também há pessoas ao seu redor que não estão bem.

Frederico – Pare, você vai me fazer chorar. E não me diga que vai doar esse dinheiro para organizações...

Vitória – Não quero ganhar dinheiro às suas custas, Frederico. Então eu prometo que, se no final couber a mim a sua parte da herança, eu a doarei para uma organização.

Frederico – Sério? E qual, se posso perguntar?

Vitória – Uma organização contra a violência às mulheres... Por que não?

Vitória sai. Frederico fica perplexo por um momento, sem realmente entender. Cristina chega.

Frederico – Você estava aqui?

Cristina – Sim, eu moro aqui. E não estava ouvindo atrás das portas, se é isso que você quer dizer.

Frederico – Não disse isso. Então, você ouviu mesmo assim...

Cristina – Sim... Então, depois de renegar seu pai, você também vai renegar sua irmã?

Frederico – Não a via assim. E estou desapontado...

Cristina – Sim, realmente... Acho que você não conhece bem sua irmã.

Frederico – Ah, sim?

Cristina – Passas todo o teu tempo pintando rostos, tentando desvendar o seu mistério, como dizes. Mas olhas para os rostos à tua volta?

Frederico – Parece-me que sim...

Cristina – Se o fizesses, terias notado as marcas no rosto da tua irmã...

Frederico – Que marcas?

Cristina – Esquece, esquece...

Frederico – Não quero ser como ela, é só isso. É assim que nos vê?

Cristina – Como?

Frederico – A viver à grande com o dinheiro de um mafioso?

Cristina – Quer queira quer não, esse mafioso era teu pai.

Frederico – Isso não posso mudar, é verdade, mas não sou obrigado a aceitar o dinheiro dele.

Cristina – Já não é o dinheiro dele, ele está morto! É apenas dinheiro. Se não o aceitares, tua irmã ficará com tudo. E se ela não o aceitar, irá para outra pessoa. E se ninguém o quiser, irá para o Estado. Para o Estado mexicano!

Frederico – Talvez eles precisem mais do que nós.

Cristina – Nós temos contas para pagar... Não tenho escolha... Pedirei à minha mãe que me adiante esse dinheiro. E ela não é multimilionária...

Frederico – Conseguirias viver num apartamento que foi comprado com dinheiro da prostituição? Mas... Você é professora! Pensei que isso implicasse alguma moral...

Cristina – E você fala-me de moral? As poucas pinturas que vende, vende a ricos para decorarem as suas salas. Sem mencionar o seu misterioso colecionador russo... Sabe de onde vem o dinheiro desse tipo? Pediu garantias sobre a origem da sua fortuna? Um russo, deve desconfiar. A máfia também existe na Rússia, não?

Frederico – Talvez, mas esse tipo não é o meu pai.

Cristina – Que eu saiba, você não dedica o seu tempo livre a organizações humanitárias... Para você, é isso ser um artista comprometido? Vender o seu talento para quem pode se dar ao luxo... Não é um pouco como prostituir-se também?

Frederico – Então, chama-me de prostituto!

Cristina – Eu trabalho no seu lugar!

Frederico – Então, chama-me de cafetão...

Cristina – Você é um moralista, Frederico. Mas não é melhor do que os outros. Se aceitasse esse dinheiro, eu já não teria de trabalhar.

Frederico – Pensei que fazia o teu trabalho por paixão!

Cristina – Digamos que já satisfiz a minha paixão e gostaria de fazer outra coisa. E você, já não teria de...

Frederico – Pintar?

Cristina – Perder tempo a procurar clientes!

Frederico – Está bem, tem razão, aceitarei esse dinheiro. Mas será meu, eu a aviso. Então, será você a viver à minha custa. E veremos quem é a prostituta.

Cristina – Não lhe darei esse trabalho. Poderá pagar todas as prostitutas que quiser. Vou-me embora.

Ela sai.

Corta.

Cena 4

Frederico está adormecido no sofá. A campainha toca. Ele acorda. Vai atender, cheio de esperança, e volta decepcionado com Vitória.

Vitória – Desculpa, estou a incomodar?

Frederico – Estou um pouco surpreso, é só isso. Pensei que lhe disse que nunca mais queria vê-la...

Vitória – Justamente, venho pedir-lhe desculpa... Bem... tentar uma reconciliação. A Cristina não está aqui?

Frederico – Ela foi embora...

Vitória – Ela foi embora? Quer dizer...

Frederico – Ela me deixou.

Vitória – Sinto muito... Não é por... Mas claro, não se abandona um homem que acabou de herdar cinco milhões.

Frederico – Se você o diz...

Vitória – A menos, claro, que esse idiota recuse a herança.

Frederico – Voltou para me insultar? Parece que algo escapou para você no significado da palavra "reconciliação"...

Vitória – Não se preocupe, ela vai voltar... Se ela quisesse o deixar, já o teria feito há muito tempo. Bem, quero dizer...

Frederico – Sim, o que quer dizer?

Vitória – Quero dizer que para ter estado com você até agora, realmente tinha que amá-lo.

Frederico – Isso também não sei como interpretar...

Vitória – Fred. Você não tem um tostão. E é irritante.

Frederico – Bem, acho que agora estamos bastante reconciliados. Então, se não tem mais nada para me dizer...

Vitória – Desculpa. Estou... um pouco perturbada.

Frederico – O que se passa exatamente?

Vitória – Também discuti com o Marco...

Frederico – Uau... Vê... O dinheiro não traz a felicidade...

Vitória – Então, você concede-me o direito de asilo?

Frederico – Está bem... Mas só por esta noite...

Vitória – Obrigada... (*Um momento, parecem desconfortáveis*) Gostaria de beber algo forte...

Frederico – Tem razão, afoguem nossas mágoas em álcool.

Vitória – Tem tequila?

Frederico – Vai rir, mas sim.

Vitória – Acabemos a garrafa.

Frederico – Não corremos o risco de nos embriagarmos, só há um pouco. Tem estado aqui tanto tempo, estou me perguntando se todo o álcool já não evaporou.

Vitória – O que poderá restar numa garrafa de tequila quando todo o álcool evaporou?

Frederico – Não tenho a menor ideia... Vamos beber, logo veremos.

Ele esvazia o resto da garrafa em dois copos. Eles brindam.

Vitória – Saúde!

Frederico – Saúde...!

Eles esvaziam os copos de um gole.

Vitória – Não tem mais nada?

Frederico – Tenho. Vodka. Também resta um pouco de uma garrafa.

Ele enche os copos novamente. Brindam novamente.

Vitória – Sabes como se diz "saúde" em russo?

Frederico – Não, mas acho que depois de algumas bebidas, isso me virá à mente. (*Enche os copos novamente.*) Este também está vazio. Acho que ainda tenho um pouco de uísque. Raki. E um conhaque antigo.

Vitória – Há quanto tempo estas garrafas estão aqui?

Frederico – Já estavam aqui quando compramos o apartamento...

Vitória – Vamos acabar com tudo. Tequila, vodka, uísque, raki, conhaque...

Frederico – Será a bebedeira mais internacional na história da embriologia.

Vitória – Vai-me lembrar da minha juventude. Quando queria beber, bebia um pouco de cada garrafa em casa para a minha mãe não perceber nada.

Frederico – Eu também não percebia nada.

Vitória – Você, nunca percebe nada, isso é o que o caracteriza.

Frederico – Ah sim? É assim que me vê?

Vitória – Prefiro não como você me vê...

Frederico – Sim... Talvez tenha razão... Um pouco de hipocrisia nas relações sociais não faz mal.

Vitória – Especialmente nas relações familiares.

Frederico – Não estou habituado a beber assim.

Vitória – Mas sente-se bem, não é?

Frederico – Sim...

Vitória – Então, não pensem em como será a ressaca amanhã de manhã... Vai-nos estragar o prazer...

Frederico – A quantidade de coisas que não faríamos na vida se pensássemos nas consequências.

Vitória – Como ter filhos, por exemplo.

Frederico – Claro que é por isso que nunca tive filhos.

Vitória – Sim... Mas você pensa demais. Esse é o seu problema.

Frederico – E você não pensa o suficiente. É uma média.

Vitória – Quanto tempo passou desde a última vez que ficámos bêbados juntos?

Frederico – Nunca ficámos bêbados juntos.

Vitória – É uma pena. Com certeza teria facilitado muito as nossas relações familiares. É muito difícil ficar zangado com alguém que te viu vomitar nos teus joelhos.

Frederico – Tenta avisar-me com alguma antecedência, pelo menos. A Cristina valoriza muito o tapete dela. É uma herança da avó dela...

Vitória – Enquanto isso, serve-me mais um, anda.

Frederico – Está bem... O que vamos beber?

Vitória – Temos opções, não temos?

Ele parece hesitar diante de todas aquelas garrafas.

Frederico – Não sei...

Vitória – O que se passa?

Frederico – Se realmente temos opções.

Vitória – Não interessa o frasco, desde que acabemos por vomitar no final.

Frederico – Não, quero dizer... a escolha. O destino, sabe?

Vitória – O destino?

Frederico – Será que somos realmente livres nas nossas escolhas, ou está tudo escrito de antemão?

Vitória – Bem, serve-me ou não?

Ele enche os copos enquanto continua a refletir.

Frederico – Se pudéssemos reviver as nossas vidas, sabendo o que sabemos. Viveríamos exatamente a mesma coisa?

Vitória – Quer dizer... decidiríamos viver a mesma coisa?

Frederico – Imagina. Você acorda uma manhã e volta aos quinze anos. Como se tudo o que você viveu depois fosse apenas um sonho. E tem de começar de novo.

Vitória – Já começo a ter dor de cabeça.

Frederico – Escolheríamos tomar decisões diferentes? Tentar outro caminho? Poderíamos até... E acima de tudo, essa outra vida que escolheríamos, seria melhor ou pior?

Vitória – Não sei...

Frederico – Mesmo iria mais longe, na vida, realmente podemos fazer algo mais do que cometer erros?

Vitória – Acho que vou vomitar.

Frederico – Foi a gota de raki que fez transbordar o copo? Ou foram as minhas considerações filosóficas?

Vitória – A mistura de ambos, acho... Vou tomar banho e deitar-me.

Frederico – Bem... Então, boa noite...

Vitória se vai. Frederico serve-se mais uma bebida. Cristina chega. Ele não a vê imediatamente e fica surpreso quando a vê. Frederico está bastante bêbado.

Frederico – Não a ouvi chegar.

Cristina – Só vim buscar algumas coisas...

Frederico – Tudo bem...

Cristina – Esteve a beber?

Frederico – Sim...

Cristina – Você nunca bebe.

Frederico – Há uma primeira vez para tudo, como vê. Queria mostrar-lhe que sempre se pode mudar. Especialmente para pior...

Cristina – Lamento que tenhamos chegado a isto...

Frederico – Sou eu... Perdoa-me. Peço desculpa.

Cristina – Estamos a magoar-nos. Por nada. Quando temos tudo para sermos felizes.

Frederico – Exceto dinheiro, aparentemente. Mas vou fazer o que quiser.

Cristina – Eu amo você. É você que quero. Não esse maldito dinheiro...

Estão prestes a beijar-se. Ouve-se um som de vômito. Cristina vê os copos.

Cristina – Não estava sozinho?

Frederico – Sim... Bem, não...

Som da descarga. Depois do chuveiro.

Cristina – Há alguém na casa de banho? Uau, substituiu-me rapidamente!

Frederico – Mas não, que está a dizer... E além disso, onde encontraria alguém para a substituir tão rapidamente? A menos que pagasse...

Cristina – Desta vez não se safas com um jogo de palavras, porque esta noite não tenho muito sentido de humor.

Frederico – É a minha irmã.

Cristina – Está a gozar comigo! Há duas horas atrás, vocês estavam zangados para sempre, e agora ela volta para tua casa para tomar um duche? Tem algum problema com a água, é isso?

Ouve-se outro som de vômito.

Frederico – Aparentemente, veio principalmente para vomitar... Ela discutiu com o Marco...

Cristina – Uau... E vem diretamente para a nossa casa?

Frederico – Gosto quando fica com ciúmes... Mesmo que não a faça sentir muito bem. Com essa careta nos lábios. Só falta a baba. Parece que vai morder alguém.

Cristina – Vou verificar na casa de banho, e se não for a sua irmã, pode acabar num drama de paixão.

Frederico – Vamos embrulhar o corpo no cortinado do chuveiro e ajudá-la a livrar-se dela...

Vitória chega.

Vitória – Se estão a falar de mim, não se preocupem, não tenho a certeza se devo aceitar a vossa hospitalidade, afinal...

Cristina – Boa noite, Vitória... Não, não... Fica tranquila... Estávamos a falar da amante do Frederico.

Vitória – Está bem...

Frederico – Que na verdade não existe, posso assegurar-lhe...

Cristina – Pensei que fosses a minha substituta.

Vitória – Desculpa aparecer assim, sem avisar. Vou deixar-vos.

Cristina – Não, não, pode ficar. Não vai voltar lá esta noite...

Frederico – E se ele aparecer aqui? Estou tão bêbado que poderia querer dar-lhe uma tarefa. E no meu estado, certamente não sairia vencedor...

Vitória – Ele não sabe que estou aqui, fiquem descansados... Bem, vou dormir... Tenho a certeza que têm muitas coisas para conversar...

Cristina – Boa noite, Vitória... E tem cuidado com o tapete no quarto...

Vitória sai.

Frederico – Este dinheiro quase arruinou duas relações.

Cristina – Bem, para a sua não acho que seja isso.

Frederico – Então o que é?

Cristina – Não sei...

Frederico fica pensativo por um momento.

Frederico – Quando o meu pai morreu, estava a ser procurado por homicídio...

Cristina – Perdoe-me. Tem razão. Você vai recusar essa herança. Fico com você. Pelo que é. Por essa integridade.

Frederico – Já não sei onde estou. Mal sei alguma coisa sobre o meu pai, excepto o seu histórico criminal... E agora ele deixa-me dinheiro suficiente para não ter de trabalhar pelo resto dos meus dias...

Cristina – Vamos dormir... Amanhã será outro dia... (*Frederico hesita e ela dá-lhe o braço*) Quer que o leve até à cama?

Corta.

Cena 5

Cristina toma café. Vitória chega de robe.

Vitória – Bom dia, Cristina... E obrigada novamente pela sua hospitalidade.

Cristina – De nada. Você dormiu bem...?

Vitória – Não... mas não tem nada a ver com a cama.

Cristina – Sim, vi os cadáveres de garrafas.

Vitória – Não são os únicos cadáveres que me perseguiram esta noite...

Cristina – Quer café?

Vitória – Obrigada, sim.

Cristina serve-lhe uma chávena de café.

Vitória – Sei que nunca gostou de mim.

Cristina (*surpresa*) – Mas por que diz isso?

Vitória – Não disse que me odeia... Mas considera-me uma mulher mantida, não é? Uma pequena burguesa de mente estreita.

Cristina (*tentando brincar*) – Esquece também... um pouco reacionária.

Vitória – Tinha razão... Eu também não gostava de mim mesma...

Cristina – E agora?

Vitória – Agora, já não sei onde estou.

Cristina – Isso é um começo...

Vitória – Não deve julgar-me, sabe? Este dinheiro, por estranho que pareça, eu realmente preciso...

Cristina – Estou a ouvir... Pode confiar em mim...

Vitória – Já não me dou bem com o Marco. Ele tem uma amante. E a dele, acredite-me, existe...

Cristina – Conhece-a?

Vitória – É a assistente dele na imobiliária. Tem dez anos a menos do que ele. E, sobretudo, tem dez anos a menos do que eu.

Cristina – Deveria deixá-lo então...

Vitória – Não é assim tão simples... Ele já não queria divorciar-se, para não ter que me dar metade dos nossos bens e pagar uma pensão alimentícia. Agora, com a herança que vou receber...

Cristina – Ele sabe disso?

Vitória – Estava presente quando o Carlos veio pela última vez.

Cristina – Mas vá lá, ele não pode negar o divórcio!

Vitória – Eu não trabalho. Dependo completamente dele. E depois, há as crianças... Ele é retorcido, sabe? Se tudo isto acabasse num julgamento, não sei do que seria capaz, só para me separar dos meus filhos.

Cristina – O que quer dizer?

Vitória – Ele fingirá que sou frágil psicologicamente. Que já tentei suicidar-me...

Cristina – É verdade?

Vitória – Foi um acidente! Eu tomo calmantes, é verdade. Naquele dia, tomei dois que não devia tomar juntos. Desmaiei. Os serviços de emergência vieram... O Marco aproveitará isso para obter a custódia das crianças. Não aguentaria... E acredite-me, não falharia desta vez...

Cristina – Entendo... Mas não pode continuar assim...

Vitória – Este dinheiro permitir-me-ia ir embora. Mesmo que tivesse que deixar-lhe uma parte, para me deixar em paz...

Cristina – Não pode ceder a essa chantagem. É repugnante...

Vitória – Já não sei... Tenho medo... Quando o Carlos veio, foi muito amável com ele, mas quando saiu, disse-me que queria a sua parte, ou então...

Cristina – Ou então o quê? (*Vitória aperta um pouco mais o robe contra ela*) E essas nódoas que está a esconder debaixo do robe?

Vitória – Não é nada... Caí...

Cristina – Não para mim, Vitória...

Vitória – Eu sei, é difícil de acreditar... Pensa-se que só acontece em meios humildes... Pergunta-te como posso aceitar isso...

Cristina – É a você que pergunto.

Vitória – Nunca estive habituada a tomar decisões.

Cristina – Quer que o Frederico fale com ele? Afinal de contas, é teu irmão...

Vitória – O Marco vingar-se-ia de mim... Talvez nas crianças... Por favor, não mencione isto ao Frederico...

Cristina – Não pode aceitar isto, Vitória. Precisa de procurar ajuda...

A campainha toca. Cristina sai e volta com Carlos.

Carlos – Bom dia, Vitória... Não pensei que a encontraria aqui, mas não faz mal vê-los aos dois, com o seu irmão...

Cristina – Deixo-vos... Vou avisar o Frederico. Ele está no chuveiro...

Ela sai.

Carlos – Lamento a decisão do seu irmão. Deveria convencê-lo a aceitar.

Vitória – Meu irmão não é alguém fácil de convencer...

Carlos – Sim, notei isso...

Vitória – Entendo, mas eu não tenho escolha.

Carlos – Por quê?

Vitória – Digamos que... esse dinheiro me permitiria recuperar minha independência. Se meu marido concordar em me deixar ir, é claro.

Carlos – Seu marido não a faz feliz?

Vitória – Quero me divorciar há muito tempo... Mas... tenho medo.

Carlos – Medo? Medo do quê?

Vitória – Prefiro não falar sobre isso...

Carlos se levanta e, delicadamente, aponta para a contusão na bochecha de Vitória, escondida atrás de uma mecha de cabelo.

Carlos – Seu marido já a agrediu alguma vez?

O silêncio de Vitória soa como uma confissão. De forma mais brusca, Carlos afasta o roupão para revelar os ombros de Vitória e vê mais marcas.

Carlos (frio) – Ele fez isso com você...?

Vitória ajusta seu roupão novamente.

Vitória – Quero me divorciar, mas ele não quer.

Carlos – Ele não quer...?

Vitória – Agora que ele sabe que vou receber uma grande herança, quer a parte dele.

Carlos – Vocês não fizeram um contrato pré-nupcial?

Vitória – Não.

Carlos – Então ele não tem direito algum sobre sua herança.

Vitória – Eu sei... Mas... não é tão simples.

Carlos – Não se preocupe... Eu vou cuidar de explicar isso.

Vitória – Não acredito que seja suficiente, infelizmente.

Carlos – Será suficiente, acredite em mim. Mesmo que não pareça, posso ser muito persuasivo.

Frederico chega e parece surpreso com a proximidade entre Carlos e Vitória. Ele também percebe a angústia de sua irmã.

Carlos – Mesmo que em relação ao seu irmão, eu ainda não tenha conseguido convencê-lo...

Vanessa – Vou terminar de me vestir...

Ela sai.

Carlos – Sua irmã é alguém muito encantadora.

Frederico – Eu usaria a palavra pegajoso, mas... sim.

Carlos – Ela também é alguém muito frágil. Alguns podem abusar dela...

Frederico – O que quer dizer?

Carlos hesita, mas muda de assunto.

Carlos – Você deveria aceitar minha proposta.

Frederico – "Sua" proposta?

Carlos – A de seu pai.

Frederico – Mas ele não decidiu deixar-me esta herança de propósito, certo? Eu sou apenas o herdeiro direto...

Carlos – Ele não teve tempo de fazer um testamento. Mas sei que teria querido que esta herança fosse para seus filhos.

Frederico – E se eu simplesmente não estiver destinado a ser rico...

Carlos – Ninguém está destinado a ser rico. Essa é precisamente a vantagem de ser rico...

Frederico – Só precisaria de cem mil euros para resolver meus problemas de liquidez.

Carlos – Sinto muito. Não se trata de um legado, mas de uma herança. É tudo ou nada.

Frederico – Realmente, não sei...

Carlos – Passarei amanhã com a procuração. Só terá que assinar. E eu cuidarei do resto. Enquanto isso, queria entregar isso a você...

Ele entrega um grosso caderno.

Frederico – O que é isso?

Carlos – O diário dele.

Frederico – O diário dele? Você quer dizer o diário íntimo do meu pai?

Carlos – Ou o diário de bordo dele, como preferir.

Frederico – Eu não sabia que mafiosos tinham diários... Isso poderia ser comprometedor, certo?

Carlos – Eu o encontrei entre os documentos dele. Você o lerá mais tarde. Espero que o ajude a entender algumas coisas...

Frederico – Você leu isso?

Carlos – Preferi dar uma olhada antes de entregá-lo.

Frederico pega o caderno.

Frederico – Obrigado. Você quer beber alguma coisa? Ainda tem algumas garrafas por aí...

Carlos – Será para a próxima vez... Tenho um assunto urgente para resolver... (*Dá uma última olhada na pintura em andamento*) Eu realmente gosto das suas pinturas... Seu pai tinha várias delas em casa...

Frederico – Desculpe, o quê?

Carlos – Ele costumava comprá-las por meio de um galerista de Londres. Tinha uma opinião muito alta de você. Não o desaponte...

Ele sai, deixando Frederico atônito. Cristina volta.

Cristina – Você está bem?

Frederico – Era meu pai quem comprava essas pinturas em Londres, por meio do meu único cliente supostamente russo.

Cristina – Tem certeza?

Frederico – Na verdade, ele era quem me permitia sobreviver todos esses anos. Sem ele, eu não teria vendido nem um quadro.

Cristina – Essa história é incrível... como sua irmã disse.

Frederico – Eu não queria esse dinheiro sujo, mas na verdade, já estava vivendo com ele...

Cristina – Então, você vai aceitar a herança, afinal?

Frederico – Vamos encontrar uma maneira de fazer uma doação para uma organização, como minha irmã sugeriu... Para aliviar nossa consciência a baixo custo...

Corte.

Cena 6

Frederico está lendo o diário de seu pai. Parece emocionado. Cristina chega.

Cristina – Você já está acordado?

Frederico fecha o diário.

Frederico – Não fechei os olhos a noite toda.

Cristina serve uma xícara de café.

Cristina – Eu sei... Eu também não.

Frederico – Tinha que ler o diário de meu pai de qualquer maneira.

Cristina – Você quer falar sobre isso?

Frederico – É engraçado... Eu não sabia nada sobre meu pai, e agora que ele está morto, sei mais sobre ele do que qualquer filho jamais saberá sobre seu pai.

Cristina – Espero que isso o ajude a se reconciliar um pouco com ele.

Frederico – Preferiria ter feito isso em vida, mas enfim...

Cristina – Você vai me contar?

Frederico – Claro... Você até poderá lê-lo. Mais tarde...

Cristina – Está bem.

Frederico – Acredite, há material suficiente para escrever um romance.

Cristina – Você faria isso?

Frederico – Isso me afeta muito pessoalmente, eu não conseguiria. Além disso, você é a escritora, não é?

Cristina – Sim... Embora eu ainda não tenha escrito nada...

Frederico – Eu não acredito em você.

Cristina – Está bem, tenho algumas anotações nas minhas gavetas. E um começo de romance...

Frederico – Mal posso esperar para ler...

Cristina – E se você se decepcionar?

Frederico – Nada que venha de você jamais me decepcionará.

Cristina – Agora sou eu quem precisa que você acredite em mim.

Frederico – Cuidado... Eu disse que não ficaria decepcionado, não disse que necessariamente acharei bom...

Cristina – Se for tão ruim assim, você me dirá?

Frederico – O que você acha?

Cristina – Acho que você saberá como me fazer entender.

Frederico – Um dia vou lhe mostrar meu primeiro quadro.

Cristina – Você ainda o tem guardado?

Frederico – Não mostro a ninguém, é claro. Mas quando realmente duvido de mim mesmo, dou uma olhada nele. Percebo o caminho que percorri e isso me anima. Pelo menos por um tempo, porque depois penso no caminho que ainda falta percorrer.

Cristina – Estou curiosa para ver.

Frederico – Você verá. Isso a deixará mais indulgente com o seu primeiro romance. Você realmente acha que Leonardo da Vinci pintou a Mona Lisa na primeira tentativa? O gênio não existe. A verdade ou a perfeição também não existem. O gênio é uma determinação total de perseverar no erro. Até conseguir errar de uma maneira sublime.

Eles estão prestes a se beijar quando a campainha toca. Cristina vai atender e volta com Vitória, mais calma e sorridente, segurando um saco de papel.

Vitória – Olá Fred. Olá Cristina. Trouxe alguns pastéis de chocolate para vocês.

Frederico – O que está acontecendo com todos ultimamente? Há uma promoção de pastéis de chocolate na padaria da esquina?

Cristina – Você quer um café?

Vitória – Sim, obrigada.

Frederico – Parece que você está melhor, não?

Vitória – Vou me divorciar.

Frederico – No seu caso, suponho que seja uma boa notícia.

Vitória – É sim.

Cristina – Vocês chegaram a um acordo com o Marco? Por mútuo consentimento...

Frederico – Ele não pediu para ficar com metade da sua herança, pelo menos?

Vitória – Não. Ele não me pediu nada. Não sei por que, agora ele está sendo muito gentil comigo.

Cristina – E você não prometeu nada em troca do consentimento dele para o divórcio?

Vitória – Nada... Até mesmo em relação às crianças, ele concorda em me dar a custódia exclusiva.

Frederico – Isso é o que você queria, não?

Vitória – Claro. Por isso eu não queria me divorciar antes de ter certeza de que poderia ficar com eles.

Frederico – Você acha que ele teria sido capaz de fazer mal às crianças?

Vitória – Não sei...

Cristina – E... você tem alguma ideia do que poderia tê-lo feito mudar de atitude tão repentinamente?

Vitória – Não... *(Uma pausa)* Da última vez, ele voltou para casa com hematomas no rosto. Não sei se há alguma relação...

Frederico – Ah sim... Talvez um pouco sim...

Vitória – Você sabe quem poderia tê-lo feito?

Frederico – Em todo caso, não fui eu, eu juro.

Vitória parece desconfortável.

Cristina – Vou terminar de me arrumar.

Cristina sai.

Frederico – Você tem mais alguma coisa para me dizer?

Vitória – Sim...

Frederico – Estou ouvindo.

Vitória – Mamãe costumava me falar muito, sabe? Especialmente no final da vida dela... Às vezes, ela confidenciava coisas para mim...

Frederico – Mais do que para mim, isso está claro... E?

Vitória – Na verdade, se seu pai partiu...

Frederico – "Meu" pai? Também é o seu, não é?

Vitória – É exatamente disso que eu queria falar com você... Se o Charlie partiu... foi porque ela o havia enganado.

Frederico – Desculpe?

Vitória – Na verdade, eu não sou filha dele. Foi ao descobrir isso que o Charlie decidiu ir para a América.

Frederico – Mamãe foi quem lhe disse isso?

Vitória – Sim.

Frederico – Entendi... *(Uma pausa)* E eu, o quê?

Vitória – E você?

Frederico – De quem sou filho?

Vitória – Você é, sem dúvida, filho do Charlie, acalme-se.

Frederico – Sendo meu pai um cafetão e traficante de drogas, não tenho certeza se isso me acalma, mas tudo bem... E você, de quem é filha?

Vitória – Do melhor amigo do Charlie, que também era sócio dele, eu acho. Um tal de Karl, que também desapareceu pouco depois do meu nascimento.

Frederico – Espero que não sob circunstâncias misteriosas...

Vitória – Mamãe nunca mais o viu. E eu também, obviamente...

Frederico – Isso explicaria por que o Charlie nos abandonou a todos?

Vitória – Ele se sentiu traído. Por sua esposa. Por seu amigo. Ele não conseguiu lidar com isso. Foi por isso que ele foi para a América.

Frederico – E agora você me conta isso?

Vitória – Isso me afetava principalmente.

Frederico – Então, por que você me conta isso agora?

Vitória – Vou aceitar essa herança... Você está pensando em rejeitá-la... Seria absurdo que todo esse dinheiro caísse para mim em vez de você, quando eu nem mesmo sou filha dele...

Frederico – Ele a reconheceu, não é? Você tem o sobrenome dele.

Vitória – Quando ele foi me registrar na prefeitura, ele ainda não sabia que eu não era filha dele.

Frederico – Você não é responsável por tudo isso, Vitória. Você é como eu, uma vítima. Para mim, você sempre será minha irmã... Para o bem e, principalmente, para o mal...

Vitória – Então você está disposto a compartilhar comigo?

Frederico – Claro... Eu nem saberia o que fazer com cinco milhões, quanto mais com dez.

Vitória – Obrigada, Fred... Sabe, na verdade, nunca o odiei... tanto quanto parecia.

Frederico – Essa confissão me emociona muito.

Vitória – Acho que, na verdade, sentia inveja de você.

Frederico – De mim? Sou um artista fracassado. Vivo às custas da minha esposa. E de acordo com ela, sou um sermoneador...

Vitória – Sim, isso... Não é totalmente falso também...

Frederico – Então, do que exatamente você estava com inveja?

Vitória – Acho que da sua independência. Você escolheu a sua vida. Contra tudo e todos. Tentou realizar o seu sonho... Mesmo que não tenha conseguido...

Frederico – Obrigado...

Vitória – Mas pelo menos tentou.

Frederico – Sim... E você não?

Vitória – Meu problema é que eu não tinha nenhum sonho... Então me conformei em me casar, com alguém que cuidaria bem de mim. Pelo menos era o que eu pensava...

Frederico – Então, você também acredita que não temos escolha...

Vitória – Escolha? A vida é como o jogo de Scrabble. A regra é a mesma para todos e eles fazem você acreditar que todos têm a mesma chance de vencer. Mas quando você tira letras ruins no começo, e isso continua durante o jogo... W, K, Y...

Frederico – Se você adicionar mais algumas, pode formar whisky.

Vitória – Foi o que eu fiz... Whisky, vodka, raki...

Abrço fraternal.

Frederico – Sinto muito mesmo. Estava bem na minha frente e eu não vi nada...

Vitória – Sim... Para um pintor... é irônico. Não ver nada...

Frederico – Eu me culpo... Eu era seu irmão mais velho, era meu dever protegê-la.

Vitória – Meio-irmão mais velho...

Frederico – Você está certa... A boa notícia de tudo isso é que... no final das contas, você é apenas minha meia-irmã.

Vitória – E mesmo assim, todos os seus problemas são culpa minha...

Frederico – Curiosamente, isso não me surpreende...

Vitória – Também contei isso a você para que seja um pouco mais indulgente com seu pai.

Frederico – Afinal... nem todos os maridos traídos vão para a América abrir bordéis...

Vitória – Não... É o destino, como você diz. Deve ser que isso também estava escrito de antemão...

Frederico – Sim...

Vitória – E você?

Frederico – Eu?

Vitória – Já que estamos em um momento de confissões... Há algo que eu deveria saber?

Frederico – Ainda não...

Vitória – Como assim ainda não?

Frederico – Carlos me entregou... o diário do meu pai. Ainda não terminei de ler.

Vitória – Pensei que apenas as jovens um pouco deprimidas escreviam diários...

Frederico – Parece que aquele velho proxeneta também tinha seu lado feminino.

Frederico entrega o diário a ela, e ela o folheia. A campainha toca. Cristina chega com Carlos.

Carlos – Tudo pronto, todos os documentos estão aqui. Vocês só precisam assinar.

Vitória – Muito bem.

Carlos – Mas antes, preciso lhes dizer algo.

Frederico – De novo? Você realmente sabe como criar expectativa.

Cristina – Sim... Deveria escrever peças de teatro...

Frederico – Estou ouvindo... Mas temo o pior...

Carlos – No México, seu pai protegeu uma criança. Uma órfã que agora tem cinco anos...

Frederico – Essa é a idade que eu tinha quando ele nos abandonou...

Carlos – Antes de morrer, seu pai não teve tempo de adotar formalmente essa criança...

Vitória – E daí?

Carlos – O plano do seu pai era trazê-la de volta para Portugal, para que ela pudesse receber uma boa educação e ter um futuro melhor. Claro, agora...

Frederico – Acho que estou começando a entender...

Vitória – E você diz que ela não é sua filha biológica.

Carlos – Ela é filha de uma prostituta que trabalhava em um de seus estabelecimentos e que morreu pouco depois do nascimento. Claro, não sabemos quem é o pai...

Um momento.

Vitória – E nossa herança está condicionada a cuidar dessa criança?

Carlos – Não está especificado em um testamento, já que Charlie não fez um. Mas é evidente que é o que seu pai teria desejado...

Vitória – Não sei o que dizer... Fred, o que você acha disso?

Frederico – Temos realmente escolha...?

Carlos – Do ponto de vista estritamente legal, vocês podem aceitar essa herança e não se preocupar com o futuro dessa criança.

Cristina – Legalmente, sim. Mas seria monstruoso...

Frederico – Eles têm uma foto?

Carlos – Claro.

Vitória – Esteja ciente, Frederico, que se virmos esta foto, mesmo que seja por um segundo, não poderemos voltar atrás?

Frederico – Me dê essa foto.

Carlos lhe entrega a foto e ele a examina cuidadosamente. Em seguida, ele a passa para Vitória.

Vitória – Não, desculpe... Eu não posso... Não agora...

Cristina pega a foto e a olha. Ela troca um olhar significativo com Frederico.

Frederico – Ainda há muitas notícias como essa? Porque, se não, é melhor que nos digam tudo de uma vez...

Carlos – Acredito que desta vez vocês sabem de tudo.

Frederico – Eu duvido.

Carlos – Digamos... tudo o que vocês precisam saber.

Silêncio.

Vitória – Já tenho dois filhos... E não tenho marido...

Frederico – Mas você é uma multimilionária.

Carlos – Essa é uma decisão importante. Se desejarem, posso lhes dar algum tempo para refletir.

Frederico – Se refletirmos, diremos não. Minha irmã está certa, eu reflito demais.

Carlos – Então, é um sim?

Frederico – Cristina?

Cristina – Não tivemos filhos. Eu realmente não sei por quê.

Frederico – Minha história pessoal não me incentivou muito a formar uma família.

Cristina – Eu não insisti. Para não o perder. Será o filho que não tivemos juntos...

Frederico – Isso justificará pegar esse dinheiro. Por essa criança. Para oferecer a ela uma vida feliz. Pelo menos uma vida melhor...

Vitória – Sim, para ela será uma reparação, e para nós, será uma espécie... de castigo. *(Os outros a olham, surpresos)*. Quero dizer, por ter aceitado dinheiro sujo...

Frederico – Eu não queria pegar esse dinheiro para manter a consciência limpa. Mas no final, consciência limpa, dinheiro sujo... O amor também nem sempre é limpo...

Carlos – Também tenho os documentos de adoção para a criança... Se concordarem, basta assinar.

Cristina – E onde está essa criança?

Carlos – Em um orfanato no México.

Um momento.

Frederico – Aceitamos esta herança. E adotamos essa menina...

Vitória – Obrigada... Vou ajudar vocês, prometo.

Cristina (*para Vitória*) – Tenho certeza de que você será uma tia maravilhosa...

Carlos – Nesse caso, só precisam assinar.

Frederico – Tudo bem.

Carlos – Não querem ler primeiro?

Frederico – Realmente não sei por que, mas confio em você.

Frederico e Vitória assinam os documentos.

Carlos – Com esta autorização, realizarei todos os trâmites em nome de vocês. Serão informados sobre as transferências de propriedade e os pagamentos.

Cristina – E quanto à menina?

Carlos – Com esses documentos, poderão buscá-la legalmente. Daqui a algumas semanas...

Cristina – Iremos assim que pudermos.

Carlos – Obrigado.

Vitória – Você tomou a decisão certa, Frederico.

Frederico – Não acho que tivesse escolha. Mas de qualquer forma, foi a escolha certa.

Carlos – Então vou deixá-los. Em família.

Cristina – Obrigada...

Carlos está prestes a sair.

Vitória – Vamos nos ver de novo?

Carlos – Só Deus sabe... Mas de longe, continuarei a receber notícias de vocês...

Cristina e Vitória se afastam por um momento. Frederico se dirige a Carlos em voz baixa.

Frederico – E quanto à minha irmã? Você realmente conseguiu falar com o marido dela?

Carlos – Tivemos uma breve conversa, de fato. Lembrei a ele alguns pontos legais relacionados à legislação de heranças.

Frederico – Você é realmente pedagógico, porque até agora ele não queria ouvir nada... Minha irmã me disse que o rosto dele está um pouco inchado... Suponho que quando você menciona alguns pontos de direito, também inclui alguns diretos no queixos para enfatizar a importância de suas palavras, certo?

Carlos – Digamos que... dei a ele a opção entre o divórcio e a viuvez. Esclareci que com a viuvez, eu me referia à da esposa. Ele entendeu perfeitamente.

Frederico – Por que está fazendo tudo isso por nós?

Carlos – Já disse a você, seu pai era um amigo. Estou acostumado a cuidar dos negócios dele...

Frederico – Como era meu pai... Como amigo...

Carlos – Ele não era muito demonstrativo, mas era alguém em quem se podia confiar. Teria aceitado morrer por vocês...

Vitória se aproxima.

Vitória – Também preciso ir. As crianças estão me esperando. Estamos nos instalando no hotel temporariamente. (*Para Carlos*) Você pode me levar?

Carlos – Claro...

Carlos e Vitória saem.

Cristina – Você acha que ela já encontrou um novo protetor?

Frederico – Pensei que você ia dizer cafetão... (*Incredulidade*) Não? Poderia ser o pai dela.

Cristina – No ponto em que estamos, nada mais me surpreenderia...

Frederico – O que você quer dizer?

Cristina – Talvez ele seja o amigo do seu pai... O sócio que teria tido um caso com a esposa dele.

Frederico – E Carlos seria o pai de Vitória?

Cristina – Lembra-se de como se chamava aquele homem que também desapareceu misteriosamente?

Frederico – Karl.

Cristina – Karl, Carlos... Você tem que admitir que é desconcertante.

Frederico – Acho que estamos começando a delirar, não?

Cristina – Sim... E na verdade, poderia ser que sua mãe tenha inventado tudo isso.

Frederico – Você acredita...?

Cristina – É preciso dizer que no final, ela estava seriamente perdendo a cabeça, não?

Frederico – E por que ela inventaria esse... Karl? Por que afirmaria ter traído meu pai? Não é exatamente o tipo de coisa com a qual se vangloria.

Cristina – Não sei... Talvez para justificar que seu pai os tenha abandonado. Para ajudar vocês a aceitarem isso. É difícil aceitar que um pai o abandone sem motivo. Pelo menos assim, ela tinha uma razão. Ela estava assumindo a culpa de alguma forma...

Frederico – Sim...

Cristina – Ou talvez, simplesmente, ela estava louca.

Frederico – Bem... Não sei se pode-se dizer que tudo acabou bem.

Cristina – De qualquer forma, vamos receber cinco milhões...

Frederico – Poderei continuar pintando.

Cristina – E para mim, será minha última volta às aulas.

Frederico – Sua próxima será a volta literária...

Cristina – E nossa primeira viagem de milionários será para o México.

Frederico – Você quer dizer nossa última viagem como um casal sem filhos. Porque depois...

Cristina – No final, o Carlos era uma boa pessoa.

Frederico – Sim. O que está claro é que ele tinha um bom gancho direito.

O telefone toca.

Cristina – Sim... Crédito Solidário... Ah, sim...

Frederico – Me passe... (*Pega o telefone*) Sim... Ouça, caro senhor, sinto muito, mas teremos que mudar de banco... Sim, isso mesmo... Vamos escolher um banco mais adequado ao nosso patrimônio... Tenha um bom dia.

Cristina – A paternidade está lhe fazendo bem.

Frederico – Estava esperando por isso para me tornar completamente um homem...

Ele olha para o computador que acabou de emitir um som.

Frederico – Oh, um novo pedido... do meu cliente misterioso.

Cristina – Então, no final, não seria seu pai, certo?

Frederico – Então, quem seria?

Cristina – Esse advogado mexicano...? Você me disse que ele gostava muito das suas pinturas...

Frederico – Talvez...

Cristina – Ou talvez... seu pai não esteja realmente morto.

Frederico – Desculpe...?

Cristina – Carlos disse que nunca encontraram o corpo dele. Para alguém procurado pela polícia, morrer é uma boa solução.

Frederico – Antes de renascer com uma identidade falsa. Mas ainda seria reconhecível!

Cristina – Há também a cirurgia plástica.

Frederico – E ele teria abandonado a filha?

Cristina – Ele não a estaria realmente abandonando, já que conseguiu nos passá-la.

Frederico – Você acredita?

Cristina – E se fosse ele?

Frederico – Ele?

Cristina – Carlos, seu pai.

Frederico – Mas vá lá, eu o teria reconhecido!

Cristina – Se ele mudou de rosto...

Frederico – Mesmo assim...

Cristina – Você mal o conheceu... E além disso, Charlie... Carlos... Carlos é Charlie em espanhol e em português, certo?

Frederico – Assim como Karl é Carlos em alemão. Então, de acordo com você, Charlie, Karl e Carlos seriam a mesma pessoa...?

Cristina – É apenas uma hipótese. Provavelmente nunca saberemos...

Silêncio.

Frederico – Não sei se o veremos novamente algum dia...

Cristina – É pouco provável. É muito perigoso para ele...

Frederico olha para a foto da menina mexicana.

Cristina – Você acha que é verdade o que ele nos contou?

Frederico – O quê?

Cristina – Que ela é filha de uma prostituta, nascida de pai desconhecido... Talvez seja filha dele... Como seu pai era?

Frederico – Eu não me lembro muito bem.

Cristina – Você não tem uma foto?

Frederico – Eu queimei tudo.

Cristina – Ela se parece um pouco com você...

Frederico – Acreditas?

Cristina – Tem razão. Descobrir o mistério de um rosto é obra de toda uma vida.

Frederico – E ainda assim, nem temos certeza de conseguir.

Cristina – Especialmente quando as pessoas mudam o rosto intencionalmente...

Frederico – Tenho a sensação de que não terminamos com esta novela familiar... Mas ainda podemos chamá-la de família?

Cristina – Uma família... De qualquer forma, vamos ter uma, certo?

Frederico – Sim... Uma menina que cuidaremos e amaremos por vinte anos, e que nos culpará pelo resto da vida por tudo o que não fizemos por ela. Responsabilizando-nos por tudo o que dá errado na vida dela...

Cristina – Mal posso esperar para começar.

Frederico – Eu também...

Cristina – Acho que tenho uma ideia para o meu primeiro livro. Não será um romance, mas uma peça de teatro. Já tenho o título, "O Cheiro do Dinheiro"...

Frederico – Pelo menos o título é muito bom.

Ela olha para o quadro.

Cristina – Este rosto, é o do seu pai, certo?

O celular de Frederico toca.

Frederico – Sim, olá? Sim, sou eu... Não, não fui eu quem... Certo... Não, não, amanhã às 15 horas está bom. Perfeito... Até amanhã então... Obrigado... (*Ele guarda o telefone*) Era a diretora da galeria mais importante de Lisboa. Ela quer expor minhas pinturas.

Cristina – Sério?

Frederico – Eu juro... Espero que não seja uma brincadeira.

Cristina – Eu duvido.

Frederico – E se fosse o Carlos?

Cristina – Carlos?

Frederico – Bem... Charlie... Ou Karl... Talvez ele os tenha visitado... Oferecido dinheiro... Ou pior... Ameaçado...

Cristina – Sua confiança em si mesmo sempre me surpreenderá... Então você acha que uma galeria só aceitaria exibir suas pinturas sob ameaças?

Frederico – Desculpe... Eu não estou acostumado... Mas eles disseram que já conheciam o meu trabalho... Com certeza alguém...

Cristina – Fui eu.

Frederico – Você?

Cristina – Fui lá com o seu catálogo.

Frederico – E eles me aceitaram com base no catálogo?

Cristina – Eles se interessaram. Eles vieram aqui e eu mostrei suas pinturas. Um dia em que você não estava.

Frederico – Por que você não me disse?

Cristina – Eu não queria que você se decepcionasse. Caso não funcionasse... E de qualquer forma, você não teria acreditado.

Frederico – Mas você acreditava.

Cristina – Eu sempre acreditei em você.

Frederico – No final, eu sou como Deus ou o Papai Noel... Eu preciso que acreditem em mim para continuar existindo.

Cristina – Todo mundo quer acreditar no Papai Noel quando ele traz cinco milhões de euros em seu saco...

Eles se beijam. Ela olha para o quadro.

Cristina – Você terminou seu retrato?

Frederico – Eu acho que sim...

Cristina – É magnífico... Será a peça central da sua primeira exposição em Lisboa.

Frederico – Sim...

Cristina – Parece um pouco com Deus, não acha?

Frederico – Eu não sei... Como Deus parece?

Cristina – Suponho que se pareça com a imagem que fazemos Dele.

Frederico – Ou com o Papai Noel... Aquele que nunca vemos, mas que nos traz presentes...

Cristina – Vamos tentar fazer algo limpo com toda essa sujeira.

Frederico – Esperamos realmente ter a opção.

Cristina – Então, esperamos... E se no final descobrirmos que não tínhamos escolhido... pelo menos sempre tivemos esperança.

Frederico – A esperança nos faz viver...

Cristina – Por favor, me diga que você não vai começar a citar provérbios o tempo todo como sua irmã.

Frederico – Minha meia-irmã... Bem, eu acho...

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim
do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Naufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está
cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-994-2

Documento para download gratuito